

FECHADO EM CASA

Foi no início deste ano que tudo começou. Na televisão falaram sobre um vírus novo que tinha sido detetado num mercado de uma cidade da China chamada Wuhan, capital de Hubei que é uma província da China central. A cidade de Wuhan é uma metrópole com mais de 11 milhões de habitantes sendo a sétima cidade mais populosa do país.

O vírus foi classificado como pertencendo à família dos coronavírus, que maioritariamente afetam animais. Por vezes evoluem e infetam pessoas transmitindo-se de pessoa para pessoa. Este, no início chamado de “Novo coronavírus” parecia ser diferente e muito mais contagioso do que os outros anteriormente conhecidos (SARS e MERS). A rapidez com que ele se espalhava era assustadora e em poucas semanas infetou milhares de pessoas obrigando as autoridades a fecharem as cidades. Mesmo assim não evitaram que o vírus se espalhasse por outras cidades e países. Consequência do mundo globalizado em que as pessoas se deslocam e viajam como nunca.

Pela televisão via-mos as imagens de cada vez mais infetados e mortos. Eram aos milhares. No entanto e à semelhança de anteriores epidemias contava-mos que a mesma cá não chegasse.

A O.M.S. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAUDE) advertiu que o mundo se deveria preparar, pois o vírus estava implacável e avançava rapidamente de continente para continente.

Fomos surpreendidos com as notícias vindas de Itália onde após detetarem alguns infetados os mesmos se multiplicavam todos os dias. Começaram a surgir os primeiros mortos. A epidemia estava imparável, obrigando a O.M.S. a elevar a epidemia para uma PANDEMIA atribuindo-lhe o nome de COVID-19.

A infeção era agora global e alastrava para todo mundo. Fruto das deslocações, da falta de controlo dos governantes e dos poucos cuidados de higiene das pessoas. É silenciosa e não se deteta senão ao fim de 14 dias. Podemos ser portadores da doença e transmiti-la sem nos aperceber. Não escolhe posições sociais. Não escolhe jovens nem velhos. Todos, mas mesmo todos, estamos expostos. A única forma de a combater é a prevenção através do isolamento social.

Como todos os outros, tivemos o nosso primeiro caso em Portugal. Através de pessoas que vieram infetadas das regiões de Itália e Espanha. A doença continua avançar implacável e todos os dias vemos mais contagiados e mortos. Estamos retidos em casa à espera que a doença termine. Não saímos. Não vamos à rua. Tentamos ocupar o tempo a estudar, a brincar, no computador, ou a ver TV... a ver se o tempo passa e a doença desaparece.

Nestas brincadeiras, com a minha cadela, dei um valente trambolhão. Arranhei-me todo, mas o pior foi que pensei que tinha partido a mão. Durante a noite fui com o meu pai ao hospital pois tinha a mão inchada e não aguentava as dores. Quando lá chegamos o ambiente estava demasiado calmo, Não se viam pessoas na sala de espera ao contrario de outras vezes que por lá estive. O ambiente apesar de silencioso, estava pesado. Notava-se apreensão e preocupação da parte dos profissionais

de saúde. Todos com máscaras de proteção. Eu incluído. As medidas de prevenção e proteção eram rigorosas.

Após algum tempo fomos atendidos pelo médico e fomos tirar um raio-x. Enquanto esperava para entrar na sala vi dois enfermeiros a transportar uma pessoa debaixo de um lençol. Perguntei ao meu pai se era uma pessoa morta. Ele disse que provavelmente seriam toalhas ou lençóis.

Eu não acreditei pois notava-se o formato de uma pessoa. Certamente estaria morta. Foi a primeira vez que estive tão perto de alguém nesse estado.

Fiquei um pouco preocupado pois vi várias salas a dizer COVID-19. Já estavam preparados para o que aí vinha.

Agora todos os dias vejo na televisão o número de infetados a aumentar e o número de mortos a crescer. Espero que comecem a diminuir rapidamente.

Temos de ter paciência e esperar que isto passe. Que as autoridades consigam resolver o problema.

Que as pessoas retomem a sua vida normal o mais rapidamente possível. Sobretudo que as pessoas obedeçam às recomendações das autoridades. Que evitem os contactos sociais e se tiverem de sair à rua que se protejam.

Saúde para todos.

Gonçalo Cardoso Silva